

"Nas habilidosas mãos de Donlea, essa história de obsessão, assassinato e busca pela verdade é um estudo de caráter compassivo e um thriller emocionante."

KIRKUS REVIEW

UMA MULHER NA ESCURIDÃO

A verdade mais difícil de enxergar é a que sempre esteve diante de nossos olhos...

CHARLIE DONLEA

Autor dos best-sellers **A GAROTA DO LAGO** e **NÃO CONFIE EM NINGUÉM**

 FARO
EDITORIAL

CHARLIE DONLEA

Autor dos best-sellers **A GAROTA DO LAGO** e **NÃO CONFIE EM NINGUÉM**

UMA MULHER NA ESCURIDÃO

A verdade mais difícil de enxergar é a que sempre esteve diante de nossos olhos...

 FARO
EDITORIAL

O Barato

Chicago, 9 de agosto de 1979

O LAÇO APERTAVA O PESCOÇO, E A FALTA DE OXIGÊNIO fazia a cabeça girar em uma mistura fantástica de euforia e pânico. Ele permitiu que a tira de náilon suportasse todo o peso do seu corpo ao afastar a banqueta. Aqueles que não conheciam “o Barato” considerariam primitivo seu sistema de polias, mas só ele compreendia plenamente o poder que tinha. O Barato proporcionava uma sensação mais incrível do que qualquer droga. Não existia outro vetor de vida capaz de propiciar experiência igual. Simplesmente, era tudo pelo que ele vivia.

Quando ele abandonou a banqueta, descendo ao chão, a corda em que a tira de náilon estava amarrada rangeu com a tensão do corpo e deslizou pela borda sulcada da polia. A corda se curvava sobre o guincho, corria pela segunda polia, depois recuava e passava pela terceira e última manivela para formar um “M”.

Preso à outra extremidade da corda, havia outro laço de náilon, enrolado ao redor do pescoço de sua vítima. Toda vez que ele abandonava a segurança da banqueta, a tira de náilon ao redor do seu pescoço suportava o peso da vítima, fazendo-a levitar magicamente, erguendo-a a quase dois metros do chão, bem diante dele.

O pânico finalmente desapareceu dela. Os chutes e as contorções cessaram. O Barato saturou a alma dele, e a imagem da vítima flutuando suspensa no ar extasiou-lhe a mente. Ele suportou o peso dela o máximo possível, ficando muito próximo da inconsciência e à beira do êxtase. Fechou os olhos por um momento. A tentação de continuar até a beira do

arrebatamento era bastante convidativa, mas ele sabia dos perigos de se permitir vagar tão longe por aquele caminho sinistro. Percorrê-lo durante muito tempo impediria o retorno. Contudo, ele não conseguia resistir.

Com a tira de náilon ao redor do pescoço, ele focou os olhos semicerrados na vítima pendurada diante dele. O laço ficou ainda mais apertado, comprimindo a carótida e provocando manchas na visão. Ele relaxou por um instante, cerrando as pálpebras e cedendo à escuridão. Só um pouquinho. Só por um segundo mais.

O rescaldo

Chicago, 9 de agosto de 1979

RETORNANDO AO MOMENTO PRESENTE, ELE TENTOU RES-pirar, mas foi em vão. Desesperado, procurou com o pé a borda da banquetta. Finalmente, os dedos encontraram a superfície lisa de madeira. Ele subiu nela, aliviou a pressão no pescoço e passou a inspirar grandes quantidades de ar. Enquanto isso, a vítima se estatelava no chão à sua frente. Ao entrar em contato com o concreto, as pernas dela não mais a apoiaram, e ela desmoronou: o peso do corpo puxou a extremidade da outra corda até que o grosso nó de segurança se alojasse na lateral da outra polia, mantendo o laço frouxo ao redor do pescoço dele.

Ele se desvencilhou da tira de náilon pela cabeça e deu algum tempo para a vermelhidão desaparecer da pele. Reconheceu que fora longe demais naquela noite. Apesar do colar protetor de espuma que utilizava, teria de encontrar um jeito de ocultar o hematoma roxo no pescoço. Precisava ser mais cuidadoso agora do que nunca. O público começara a entender a situação. Os artigos de jornais começaram a aflorar. As autoridades emitiram alertas, e o medo vinha aumentando mais do que o calor do verão. Com a conscientização do público, ele passou a espreitar com mais cuidado, planejar com mais detalhes e encobrir os rastros com mais perfeição. Encontrara o local perfeito para ocultar os corpos. O Barato era mais difícil de conter, e ele temia que o véu que protegia sua vida secreta fosse removido pela sua incapacidade de esconder a euforia que sentia nos dias seguintes às sessões. Seria inteligente interromper as coisas. Manter discrição e esperar o pânico passar. Porém, o Barato era muito difícil de ignorar. Sua existência dependia daquilo.

Sentando-se na banquetta, ele deu as costas para a vítima. Precisou de um momento para controlar as emoções. Ao se sentir pronto, virou-se para o cadáver e começou a limpeza e a preparação para o transporte no dia seguinte. Quando terminou, trancou o lugar e embarcou no seu carro. O retorno para casa não foi suficiente para serenar os efeitos residuais do Barato. Ao encostar junto ao meio-fio, ele viu as luzes da casa apagadas. Ainda bem. Seu corpo continuava tremendo, e ele não conseguiria encarar uma conversa normal. No interior da residência, largou as roupas na máquina de lavar, tomou um banho rápido e se deitou na cama.

Ela se mexeu quando ele puxou as cobertas sobre si.

— Que horas são? — ela perguntou com os olhos fechados e a cabeça afundada no travesseiro.

— Tarde. — Ele beijou-lhe o rosto. — Volte a dormir.

Ela deslizou a perna por cima dele e pôs o braço sobre o seu peito. Ele deitou-se de costas, erguendo o olhar para o teto. Em geral, levava horas para se acalmar após voltar para casa. Fechou os olhos e procurou controlar a adrenalina que corria pelas veias. Repassou as últimas horas. Nunca conseguia se lembrar de tudo, não com clareza e não tão logo depois. Nas semanas seguintes, os detalhes voltariam. Porém, naquela noite, por trás das pálpebras fechadas, seus olhos tremularam em movimentos frenéticos, à medida que o centro de memória da sua mente oferecia breves centelhas da noite: o rosto da vítima, seu visível terror, o laço corrediço da tira de náilon em ângulo agudo em torno do pescoço.

Em um rápido turbilhão, as imagens e os sons giraram na sua mente. Enquanto a fantasia se desenvolvia, as cobertas se mexeram ao seu lado quando ela acordou. A mulher se aninhou ainda mais ao seu lado. Com as veias latejando e as endorfinas circulando em ritmo acelerado por causa do Barato, ele deixou que ela beijasse a sua nuca e depois o seu ombro. Permitiu que a mão dela descesse até a cintura de sua cueca boxer. Sentiu o Barato tomar conta de si e se pôs por cima dela. Manteve os olhos fechados enquanto ela deixava escapar gemidos baixinhos, que ele bloqueou na sua mente.

Ele pensou na sua área de trabalho. Na escuridão. Na maneira como conseguia se desnudar quando estava naquele lugar. Assumiu um ritmo confortável e se concentrou na mulher que levava lá mais cedo naquela noite. A mulher que levitou como um fantasma à sua frente.

O doce perfume das rosas

A MULHER CHEGOU AO JARDIM, ABRIU A TESOURA NA BASE

da rosa e cortou a haste. Repetiu o processo até ter seis rosas vermelhas de hastes longas na mão. Subiu a escada até alcançar a varanda de trás, colocou as rosas sobre a mesa e se sentou na cadeira de balanço. Olhando para o campo, observou a menina se aproximar, subir a escada e caminhar até ela.

A menina tinha uma voz aguda e inocente, como todas as vozes das crianças deveriam ser.

— Por que a senhora sempre colhe rosas do jardim? — a garota quis saber.

— Porque são belas. E se forem deixadas nas roseiras, com o tempo murcharão e serão desperdiçadas. Ao podá-las, posso fazer melhor uso delas.

— A senhora quer que eu as amarre? — a menina se ofereceu.

Ela tinha dez anos e era a coisa mais doce que já havia surgido na vida da mulher. Do avental, a mulher tirou um araminho, entregou-o para a menina e a observou pegar as rosas com cuidado. Evitando os espinhos, a garota envolveu o araminho ao redor das hastes e o torceu, prendendo o buquê em um maço bem apertado.

— O que a senhora faz com as flores?

A mulher pegou dela o buquê perfeito.

— Entre e se arrume para o jantar.

— Eu a vejo colhê-las todos os dias e eu as amarro para a senhora. Mas nunca mais vejo as flores.

A mulher sorriu.

— Temos trabalho para fazer depois do jantar. Vou deixar a pintura para você esta noite, se acha que a sua mão está firme o bastante.

A mulher esperava que a isca fosse suficiente para desviar a conversa.

A menina sorriu.

— A senhora vai me deixar pintar sozinha?

— Vou. Está na hora de você aprender.

— Vou fazer um bom trabalho, prometo — ela disse antes de sair correndo para o interior da casa.

A mulher não precisou esperar muito para ouvir o tinido da louça que a menina colocava sobre mesa de jantar. Então, ela se ergueu da cadeira de balanço, arrumou cuidadosamente as rosas recém-presas em um buquê, desceu a escada da varanda e atravessou o campo atrás da casa. O sol se punha, e as sombras das bétulas cortavam o seu caminho.

Enquanto caminhava, levou as flores ao nariz e sentiu o doce perfume das rosas.



PARTE I
O LADRÃO

1

Chicago, 30 de setembro de 2019

AS DORES NO PEITO COMEÇARAM NO ANO ANTERIOR.

Nunca houve um questionamento acerca da origem. Eram induzidas pelo estresse, e os médicos prometeram que nunca o matariam. No entanto, o episódio daquela noite foi especialmente penoso. Ele acordou suando frio e com calafrios. Ao tentar introduzir ar nos pulmões, foi como respirar através de um canudinho. Quanto mais se esforçava para inspirar, mais atormentado ficava. Sentou-se na cama e lutou contra o medo de sufocamento. O histórico lhe dizia que o episódio passaria. Ele estendeu a mão e pegou o frasco de aspirina que guardava na gaveta do criado-mudo. Em seguida, pôs uma sob a língua, junto com um comprimido de nitroglicerina. Depois de dez minutos, os músculos do peito relaxaram e os pulmões conseguiram se expandir.

Não foi por acaso que esse episódio mais recente de angina coincidiu com a chegada da carta da comissão de livramento condicional, que estava sobre o criado-mudo. Ele passara algum tempo lendo-a antes de adormecer. Junto com a carta, a intimação do juiz para uma audiência. Ao sair da cama, pegou o documento. Com a camisa molhada de suor, desceu a escada e se dirigiu ao escritório. Girou o segredo do cofre situado sob a mesa e abriu sua porta. No interior, havia uma pilha de cartas antigas da comissão de livramento condicional, à qual adicionou a última.

A primeira chegara dez anos antes. Duas vezes por ano, a comissão recebia seu cliente, negando-lhe a liberdade e explicando a decisão em um texto adequadamente redigido, que resistia a apelações e protestos. Porém,

no ano anterior, chegou um documento diferente. Era uma avaliação extensa do presidente da comissão, que descrevia em detalhes como a comissão estava impressionada com o progresso de seu cliente ao longo dos anos, e como ele era a própria definição de *reabilitação*. Foi depois da leitura da sentença final daquela carta — que registrava o entusiasmo da comissão de livramento condicional com a próxima avaliação e a sugestão de que grandes oportunidades aguardavam seu cliente — que as dores no peito começaram.

Essa última correspondência marcou a chegada de um trem de carga lento, que carregava dor e angústia e também segredos e mentiras. Esse trem imaginário sempre fora apenas um ponto no horizonte, que nunca avançava. Contudo, naquele momento, era um trem em alta velocidade, que ficava maior a cada dia e era impossível de ser freado apesar de todo seu empenho. Sentado atrás da mesa, ele observou a prateleira do meio do cofre. Uma pasta estava recheada com páginas da sua investigação. Uma pesquisa que, em um momento de tristeza e angústia como dessa noite, ele adoraria nunca ter começado. Porém, os desdobramentos das suas descobertas eram tão profundos e transformadores que ele sabia que se sentiria vazio se não as tivesse feito. E o pensamento de que suas mentiras e fraudes poderiam em breve sair rastejando das sombras sob as quais tinham repousado durante anos era suficiente para fazer seu coração literalmente doer.

Ele enxugou o suor da testa e se esforçou para encher os pulmões de ar. Seu maior medo era de que o cliente logo estivesse livre para continuar a busca. A investigação, que fora declarada infrutífera, ressuscitaria assim que o cliente saísse da prisão. E isso, ele sabia, não poderia acontecer. Deveria fazer tudo ao seu alcance para impedir.

Sozinho no escritório, um novo calafrio se apossou de seu corpo enquanto a camisa molhada pesava-lhe sobre os ombros. Ele fechou a porta do cofre e girou o segredo. As dores no peito voltaram, os pulmões se contraíram, e ele se reclinou na cadeira para combater mais uma vez o pânico do sufocamento. Passaria. Sempre passava.

2

Chicago, 1º de outubro de 2019

RORY MOORE COLOCOU AS LENTES DE CONTATO, REVIROU

os olhos e piscou para pôr o mundo em foco. Ela detestava a visão oferecida pelos óculos fundo de garrafa: um mundo curvado e distorcido em comparação com a nitidez de suas lentes de contato. No entanto, como apreciava a proteção que os óculos de aros grossos proporcionavam, adotara um meio-termo. Assim, após a colocação das lentes de contato, ajeitou no rosto os óculos sem grau e se ocultou atrás da armação de plástico, como uma guerreira se escondendo atrás de um escudo. Para Rory, cada dia representava uma batalha.

Eles combinaram de se encontrar na Biblioteca Central Harold Washington, na rua State. Trinta minutos depois que Rory vestiu sua armadura de proteção — óculos de aros grossos, gorro puxado para baixo, casaco abotoado até o queixo com a gola levantada —, desembarcou de seu carro e entrou na biblioteca. O primeiro encontro com possíveis clientes sempre acontecia em locais públicos. Claro que a maioria dos colecionadores se preocupava com esse tipo de arranjo, pois significava expor seus preciosos troféus à luz do dia. Contudo, se quisessem Rory Moore e suas habilidades de restauração, seguiriam as regras dela.

O encontro daquele dia exigia mais atenção do que o normal, já que fora promovido como um favor para o detetive Ron Davidson, que, além de ser um amigo de confiança, também era seu chefe. Como esse era seu trabalho paralelo, ou o que os outros chamavam irritantemente de *passa-tempo*, parte dela se sentia honrada por Davidson ter lhe estendido a mão.

Nem todos entendiam a personalidade complicada de Rory Moore, mas Ron Davidson conseguira ganhar sua admiração ao longo dos anos. Quando ele pedia um favor, Rory nunca pensava duas vezes.

Ao atravessar as portas da biblioteca, Rory logo percebeu a boneca Kestner guardada em uma caixa longa e fina. Ela estava nos braços de um cavalheiro que esperava no saguão. Rory só precisou de um olhar rápido para avaliar o homem, seus pensamentos relampejando através da mente: cinquenta e poucos anos, rico, médico ou advogado, bem barbeado, sapatos engraxados, *blazer*, sem gravata. Rapidamente, recuou e rejeitou o pensamento inicial, eliminando a hipótese de o homem ser médico ou advogado. Ele era um pequeno empresário. Do ramo de seguros ou similar.

Ela respirou fundo, ajeitou os óculos no rosto e caminhou até ele.

— Sr. Byrd?

— Sim — o homem confirmou. — Rory?

O homem, trinta centímetros mais alto do que o metro e sessenta de Rory, baixou o olhar sobre sua pequena constituição física e esperou pela confirmação. Em vão.

— Vejamos o que senhor tem. — Ela apontou para a boneca de porcelana cuidadosamente acondicionada na caixa, antes de se dirigir para a ala principal da biblioteca.

O sr. Byrd a seguiu para uma mesa de canto. No meio da tarde, havia poucas pessoas no recinto. Rory deu um tapinha na mesa, e o sr. Byrd pôs a caixa ali.

— Qual é o problema? — Rory perguntou.

— Esta é a boneca Kestner da minha filha. Dei de presente a ela quando fez cinco anos, e foi mantida em bom estado.

Rory se inclinou sobre o tampo para conseguir uma visão melhor da boneca pela janela de plástico da caixa. O rosto de porcelana estava rachado ao meio. A rachadura começava em algum lugar além do contorno do couro cabeludo da boneca, passava pela órbita do olho esquerdo e alcançava a bochecha.

— Eu a deixei cair — informou o sr. Byrd. — Estou transtornado por causa do meu descuido.

Rory assentiu.

— Posso dar uma olhada, sr. Byrd?

Ele empurrou a caixa na direção de Rory. Então, ela abriu com cuidado o fecho e ergueu a tampa. Examinou a boneca danificada como o faria um cirurgião na avaliação inicial de um paciente anestesiado deitado na mesa de cirurgia.

— Rachada ou quebrada? — Rory perguntou.

O sr. Byrd enfiou a mão no bolso e tirou um saco plástico contendo pequenos pedaços de porcelana. Rory notou o movimento de subida e descida da cartilagem tireóidea dele ao engolir em seco para controlar a emoção.

— Foi tudo o que consegui achar. Deixei a boneca cair sobre um piso de madeira. Então, acho que recuperei todos os fragmentos.

Rory pegou o saco plástico e analisou os cacos. Voltou para a boneca e, com delicadeza, passou os dedos pela porcelana danificada. A rachadura era bem simétrica e provavelmente ficaria bem unida. A restauração da bochecha e da testa poderia ser realizada com perfeição. Já a da órbita ocular era outra questão. Exigiria toda sua habilidade. Provavelmente, Rory precisaria da ajuda da única pessoa que era melhor do que ela em restauração de bonecas. Quanto ao pedaço quebrado, tinha certeza de que seria encontrado na parte posterior da cabeça. O reparo ali também seria desafiador, considerando os fios de cabelo e os pequenos cacos de porcelana contidos no saco de plástico. Ela decidiu retirar a boneca da caixa só quando estivesse em sua oficina, pois temia que uma maior quantidade de porcelana pudesse cair da área quebrada.

Rory fez que sim lentamente, mantendo o olhar na boneca.

— Consigo arrumar.

— Graças a Deus! — exclamou o sr. Byrd.

— Duas semanas. Um mês, talvez.

— O tempo que for necessário.

— Informarei o preço ao senhor depois de começar.

— O preço não tem importância, desde que você seja capaz de consertar a boneca.

Rory voltou a assentir. Colocou na caixa o saco plástico contendo os cacos, fechou a tampa e a travou.

— Vou precisar de um número de telefone para poder entrar em contato com o senhor — afirmou.

O sr. Byrd pegou um cartão de visita na carteira e o entregou a ela. Rory olhou-o de relance antes de colocá-lo no bolso.

CORRETORA DE SEGUROS BYRD
WALTER BYRD, PROPRIETÁRIO

Ela ergueu a caixa e fez menção de ir embora, mas o sr. Byrd pôs a mão sobre a dela. Rory não tolerava muito o toque de um estranho e quase retrocedeu quando ele falou, baixinho:

— A boneca era da minha filha.

O tempo verbal pretérito chamou a atenção de Rory. Tinha alguma intenção por trás. Rory olhou para a mão do sr. Byrd e depois encontrou os olhos dele.

— Ela morreu no ano passado — ele revelou.

Lentamente, Rory se sentou. Uma resposta normal poderia ter sido “Sinto muito pela sua perda”. Ou “Entendo por que essa boneca significa tanto para o senhor”. Porém, Rory Moore era tudo menos uma pessoa normal.

— O que aconteceu com ela? — perguntou.

— Foi assassinada. — Ele soltou a mão de Rory e se sentou diante dela. — Estrangulada, acham. Seu corpo foi deixado no Grant Park em janeiro passado, já meio congelado quando o encontraram.

Rory voltou a olhar para a boneca Kestner guardada na caixa, com o olho direito fechado em paz, o olho esquerdo aberto e torto, com uma rachadura profunda atravessando a órbita. Ela entendeu o que estava acontecendo e soube o motivo pelo qual o detetive Davidson fora tão inflexível no sentido de que aceitasse aquele encontro. Era um estratagema clássico, e Davidson sabia que Rory seria incapaz de resistir.

— Nunca o encontraram? — Rory quis saber.

O sr. Byrd fez um gesto negativo com a cabeça, baixando o olhar para a boneca da filha morta.

— Nunca encontraram nem sequer uma pista. Nenhum dos detetives retorna minhas ligações. Parece que simplesmente desistiram do caso.

A presença de Rory na biblioteca naquela manhã demonstrava que a afirmação do sr. Byrd era falsa, uma vez que fora Ron Davidson quem a convencera a ir.

O sr. Byrd trouxe o olhar de volta para ela.

— Escute, isso não é uma armação. Peguei a boneca de Camille outro dia porque estava sentindo muita falta da minha filha e precisava segurar algo que me lembrasse dela. Deixei a boneca cair, e ela se quebrou. Não tive coragem de contar para a minha mulher porque sinto muita culpa e sei que isso a deixaria deprimida. Essa boneca era o brinquedo favorito da minha filha durante a infância. Então, por favor, acredite em mim: eu quero muito que você a restaure. Mas o detetive Davidson me disse que o seu trabalho como perita em reconstituição criminal é aclamado na cidade de Chicago e em outros lugares. Estou disposto a lhe pagar o que for para você reconstituir o crime e encontrar o homem que apertou o pescoço da minha filha e tirou a vida dela.

O olhar fixo do sr. Byrd foi demais para Rory, e como que atravessou o escudo protetor dos seus óculos sem grau. Finalmente, ela se levantou, ergueu a caixa da boneca Kestner da mesa e a segurou debaixo do braço.

— O conserto da boneca levará um mês. A solução do caso da sua filha, muito mais tempo. Deixe-me fazer algumas ligações e eu entrarei em contato.

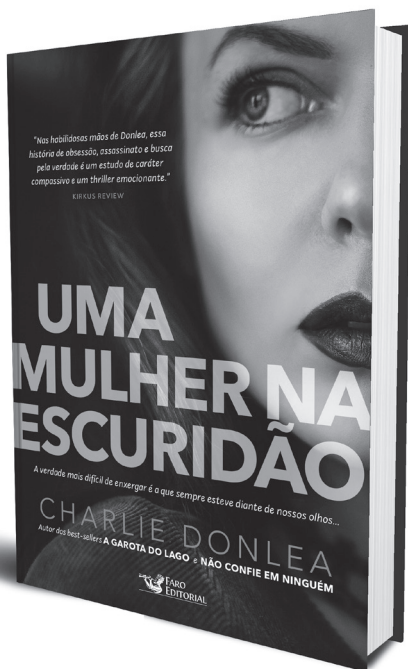
Ao sair da biblioteca, Rory adentrou a manhã de outono. Assim que o pai de Camille Byrd usou o tempo passado para descrever a filha, ela sentiu aquela vibração sutil em sua mente. Aquele sussurro quase imperceptível, mas agora sempre presente. Um sussurro que seu chefe sabia muito bem que ela não seria capaz de ignorar.

— Você é um verdadeiro filho da puta, Ron — Rory disse para si mesma.

Ela estava dando um tempo em seu trabalho como perita forense; um intervalo programado que se forçava a fazer de vez em quando para evitar o esgotamento e a depressão. Aquela pausa mais recente, porém, vinha se alongando mais do que qualquer outra, e começava a irritar o seu chefe.

Enquanto Rory caminhava pela rua State para pegar seu carro, com a boneca danificada de Camille Byrd debaixo do braço, soube que as férias tinham acabado.

GARANTA O LIVRO
UMA MULHER NA ESCURIDÃO
E CONFIRA A CONTINUAÇÃO DESSE SUSPENSE ELETRIZANTE!



TAMBÉM DE CHARLIE DONLEA:

